

A DINASTIA MONGOL YUAN E A ASCENSÃO DA DINASTIA MING: TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E CULTURAIS NA CHINA IMPERIAL



THE YUAN MONGOL DYNASTY AND THE RISE OF THE MING DYNASTY: POLITICAL AND CULTURAL TRANSFORMATIONS IN IMPERIAL CHINA

CARLA CUGOLO VIRGINIO PINHO

Graduação em Pedagogia pela Universidade Capital – UNICAPITAL com habilitação em Administração Escolar para exercício nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Conclusão em 2007; Especialista em Educação Infantil pela FAENAC – Faculdade Editora Nacional. Conclusão em 2008; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na EMEI Paula Cristina Rodrigues, Prof^ª.

RESUMO

A História Oriental é marcada por quedas e ascensões de impérios, que necessariamente moldaram os aspectos sociais, econômicos e culturais de toda Ásia, assim como parte da Europa. Tanto a dinastia Yuan, quanto Ming forjaram a história chinesa. Sendo assim, este estudo busca explorar as principais transformações políticas, sociais e culturais ocorridas durante o domínio mongol na China, com destaque para a ascensão e consolidação da dinastia Ming. O estudo é uma revisão bibliográfica. Verifica-se que o legado de ambas as dinastias refletiu as dinâmicas imperiais que fomentaram bases para o estudo histórico-social atual.

Palavras-chave: Dinastia Yuan; Dinastia Ming; História Oriental; Estudo de intercâmbio cultural.

SUMMARY

Eastern history is marked by the fall and rise of empires, which necessarily shaped the social, economic and cultural aspects of the whole of Asia, as well as part of Europe. Both the Yuan and Ming dynasties shaped Chinese history. As such, this study seeks to explore the main political, social and cultural transformations that took place during Mongol rule in China, with emphasis on the rise and

consolidation of the Ming dynasty. The study is a literature review. It emerges that the legacy of both dynasties reflected the imperial dynamics that laid the foundations for current social-historical study.

Keywords: Yuan Dynasty; Ming Dynasty; Oriental History; Cultural exchange study.

INTRODUÇÃO

A História Oriental é marcada por quedas e ascensões de impérios, que necessariamente moldaram os aspectos sociais, econômicos e culturais de toda Ásia, assim como parte da Europa. Tanto a dinastia Yuan, quanto Ming forjaram a história chinesa. Sendo assim, este estudo busca explorar as principais transformações políticas, sociais e culturais ocorridas durante o domínio mongol na China, com destaque para a ascensão e consolidação da dinastia Ming. O estudo é uma revisão bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

A ASCENSÃO MONGOL

Em março de 1279, guerreiros mongóis varreram o sul da China, capturando as últimas fortalezas da dinastia chinesa Song. Essa derrota, que anunciava o começo da dinastia Yuan, marcou o ápice da ascensão mongol, que, em menos de setenta anos, passou de um obscuro grupo nômade da Ásia Central para os senhores de um vasto império que ia da China até a Europa Oriental. Um dos maiores desafios que tiveram que enfrentar foi a transição de Tribalistas nômades para conquistadores fixos (BROOK, 2010, p. 46).

No começo do século XIII, os mongóis não passavam de vários e distintos clãs de guerreiros. No entanto, em 1206, Temüjin - mais tarde conhecido como Genghis Khan - proclamou-se o governante de uma nação mongol unida. Astuto e cruel, ele distraiu a atenção de seu povo das guerras interclãs para um negócio mais lucrativo: as invasões - primeiro das tribos vizinhas nas estepes, depois para Estados mais organizados como Pérsia, Rússia e o norte da China (1219-1223). Ele deu às hordas mongóis uma estrutura militar adequada e explorou as habilidades que haviam aprendido com seu estilo de vida nômade: especialistas em montaria, os soldados eram os senhores da guerra móvel, capazes de atacar seus inimigos com força devastadora e enorme velocidade (ROSSABI, 2009, p. 10).

O neto de Genghis, Kublai Khan, governou a China a partir de 1260, mas os desafios de mediar as tradições nômades dos mongóis e a complexa cultura dos povos conquistados eram muitos. As velhas e informais hierarquias das estepes já não eram suficientes para administrar uma terra que tinha grandes cidades, e as recompensas imediatas do saque foram substituídas pelos benefícios

demorados advindos da boa governança e da tributação. Como resultado, muitos mongóis tinham saudade dos velhos tempos. Para apaziguar seus colegas mongóis, Kublai deu-lhes maiores direitos e privilégios do que os dos chineses nativos. Ao mesmo tempo, para agradar as tradicionais elites chinesas, promoveu os estudiosos confucionistas, fundou templos taoístas e fez seu filho estudar as escrituras budistas. Também fundou escolas para os camponeses e introduziu o sistema postal mongol, que usava cavalos e estações de distribuição para ligar o império, o que beneficiou os comerciantes (BROOK, 2010, p. 27).

A necessidade de restabelecer a estabilidade no norte da China atrasou os planos de Kublai de subjugar os Song no sul até 1268. Apesar de ter vencido no final, a campanha de onze anos foi terrivelmente custosa. Para preservar sua identidade guerreira, os mongóis precisavam dos despojos das conquistas para financiar seu enorme exército. Os sucessores de Kublai fracassaram na tentativa de preservar sua identidade, ao mesmo tempo que mantinham seu monopólio do poder, assim os militares mongóis foram se enfraquecendo aos poucos. Depois de décadas de fome, epidemias mortais e corrupção na corte, em 1368 os herdeiros de Kublai foram derrotados por uma rebelião liderada por Zhu Yuanzhang, fundador da dinastia Ming. Depois de mais de um século de ocupação, a China voltou às mãos dos nativos chineses (Han) (ROSSABI, 2009, p. 13).

A DINASTIA MING

Cercado de autoridades no palácio imperial de Nanjing, Zhu Yuzhuang, filho de pobres agricultores, ofereceu sacrifícios para o Céu e a Terra enquanto era proclamado o primeiro imperador da dinastia Ming ("brilhante"). Foi o ápice de uma impressionante ascensão ao poder de um monge que virou um general rebelde e expulsou a desprezível dinastia Yuan fundada por Kublai Khan, o conquistador mongol da China que governava o país desde 1279. Zhu reinou como imperador Hongwu ("Imensamente Marcial" uma referência às suas proezas militares) de 1368 até sua das dinastias mais influentes da China, e uma das mais autoritárias. Ele e seus estabelecendo seu governo e burocracia de tal forma que durassem, morte, em 1398, em cujo período estabeleceu de forma definitiva uns sucessores trouxeram três séculos de prosperidade e estabilidade ao país, com pequenas variações, até o fim do sistema imperial em 1911, expandindo a base da sua economia (DI COSMO, 2009, p. 17).

A nova dinastia de Zhu surgiu do caos que se seguiu ao declínio dos Yuan. Nos anos 1340 e 1350, o fracionamento da corte mongol, a galopante corrupção no governo e uma série de desastres naturais, incluindo pestes e epidemias, resultaram num disseminado desrespeito às leis, à ordem e à administração, com o levante de grupos de camponeses contra seus senhores estrangeiros, que lhes estavam em falta. O próprio Zhu havia perdido a maior parte de sua família num surto de peste em 1344 e, depois de ter passado alguns anos como um monge mendicante, quando chegou a mendigar comida, ele juntou-se aos Turbantes Vermelhos, uma de muitas sociedades secretas de camponeses chineses Han da região, numa rebelião contra os Yuan. Determinado, cruel e um hábil general, o

jovem rebelde galgou as fileiras até atingir a liderança dos Turbantes Vermelhos, vencendo, mais tarde, seus rivais e se tornando o líder nacional contra os Yuan Zhu assumiu o controle da maior parte do sul e do norte da China e declarou-se imperador antes de expulsar os mongóis de sua capital em Dadu (Pequim) em 1368. O resto do país foi então subjogado, apesar de os mongóis terem resistido no extremo norte até o começo dos anos 1370; a unificação da China não foi alcançada até a derrota das últimas forças mongóis no sul, em 1382 (TWITCHETT, 1998, p. 15).

A primeira prioridade de Zhu como imperador Hongwu foi estabelecer a ordem décadas de conflito arruinaram a China e empobreceram sua população rural. Sua origem humilde talvez tenha influenciado algumas de suas primeiras avaliações dos tributos foi confiada às comunidades rurais, varrendo o problema dos coletores de impostos políticas: a responsabilidade pela ladrões que controlavam as regiões mais pobres, a escravidão foi abolida; houve o confisco de muitas e grandes propriedades; e terras que pertenciam ao Estado na região pouco povoada do norte do país foram dadas aos camponeses sem terra para encorajá-los a se fixar por lá (LIPMAN, 1997, p. 24).

A partir de 1380, Hongwu instituiu reformas governamentais que lhe deram controle pessoal sobre todas as principais questões do estado. Depois de executar seu primeiro-ministro, que havia se envolvido numa tentativa de golpe para derrubá-lo, ele aboliu o cargo de primeiro-ministro e do secretariado central e fez com que os chefes do próximo nível hierárquico, os seis ministérios, se reportassem diretamente a ele, garantindo que poderia supervisionar até mesmo as menores decisões (TWITCHETT, 1998, p. 22).

A partir de então, Hongwu passou a atuar como seu próprio primeiro-ministro. Sua carga de trabalho beirava o insuportável - numa única semana tinha que analisar e aprovar quase 1.600 documentos, e como resultado o Estado ficou incapaz de responder rapidamente às crises. Apesar de ter surgido, na época, um grande secretariado - um conselho consultivo através do qual o imperador respondia aos seis ministros e a outras agências governamentais -, os Ming mantiveram uma estrutura mais autocrática e altamente centralizada que todas as dinastias anteriores. Isso também se refletia no protocolo da corte Ming: na dinastia Song (960- -1279), os conselheiros do imperador ficavam de pé para discutir com ele questões de estado, mas, sob os Ming, exigia-se que eles *kowtow* se sua superioridade.

Nos últimos anos da dinastia Yuan, o Estado se dividira por bases de poder em conflito fora da corte central. Para evitar tal cenário, Hongwu diluiu a força do exército. Apesar de ele ter adotado o sistema militar dos Yuan - estabelecendo guarnições em cidades-chave, sobretudo na fronteira norte, onde a ameaça de incursões nômades estava sempre presente, e criando uma casta hereditária de soldados que se sustentava nas terras dadas pelo governo, também garantiu que as unidades militares passassem por um selecionados de forma centralizada exército com os comandantes de guarnições, evitando assim a ascensão de influentes senhores da guerra com uma forte base local (TWITCHETT, 1998, p. 27).

Hongwu também tinha uma profunda desconfiança da classe da elite erudita, que se manteve no coração do governo por séculos. Porém, tinha consciência de que eles desempenhavam um papel

vital na boa administração do Estado, de modo que promoveu a educação e treinou estudiosos especialmente para a burocracia. Em 1373, suspendeu os concursos tradicionais usados para selecionar servidores públicos e ordenou a abertura de escolas nos níveis local e de condado. A partir delas, os melhores candidatos seriam chamados para estudos adicionais numa universidade nacional na capital, onde estavam inscritos quase 10 mil estudantes das melhores classificações. Os concursos públicos foram restaurados em 1385, quando o imperador considerou que os formandos bem treinados pela universidade já estavam aptos a soldados ficavam de prontidão fora dos cubículos dos candidatos para evitar qualquer colaboração ou uso ilícito de consulta a referências (LIPMAN, 1997, p. 36).

O grupo de potenciais candidatos à administração ficou assim bem mais amplo, mas os servidores públicos ainda recebiam uma educação bastante conservadora, baseada nos Quatro Livros e nos Cinco Clássicos do confucionismo e na seleção de obras neoconfucionistas que expandiam as virtudes da lealdade ao imperador e da adesão à tradição chinesa. A inovação era desencorajada, e os burocratas foram postos em seu lugar. Aqueles de quem se desconfiava terem se desviado de suas obrigações eram açoitados em público, às vezes até a morte (DI COSMO, 2009, p. 28).

Os maus-tratos aos servidores públicos eram um sinal do lado cruel da personalidade de Hongwu. Ele também tinha uma paranoia violenta e era cruel no combate à discordância. Em 1382, estabeleceu uma polícia secreta, a Guarda Brocado-Folheada, cujos 16 mil oficiais esmagavam qualquer sinal de resistência. A influência e o alcance da Guarda eram amplos, fazendo que, até os últimos anos de seu governo, a dinastia Ming não experimentasse nenhuma rebelião significativa, quer pelos militares, quer pela aristocracia.

A autoconfiança da dinastia pareceu crescer ainda mais sob o sucessor de Hongwu, Yongle (que reinou de 1402 a 1424), que mudou a capital de Nanjing para Pequim, embarcando num de obras públicas, incluindo medidas para melhorar a navegação do Grande Canal. Ele também construiu a extravagante Cidade Proibida, berço de um complexo de palácios com mais de 9 mil cômodos (LIPMAN, 1997, p. 38).

A inicialmente agressiva política externa de Yongle levou a quatro campanhas contra a Mongólia e um ataque ao Annam (Vietnã), em 1417, que resultou em sua incorporação ao reconhecimento de governantes de grande escala ao sudeste asiático, leste da África e Arábia. Lideradas pelo Império Ming. Também buscou os estados muito distantes entre 1405 e 1433, lançou seis expedições marítimas grande almirante de frota Zheng He, seu propósito era confirmar a dominação da China sobre a área ao estabelecer tributos e outros gestos de reconhecimento ao imperador (BROOK, 2010, 48).

No entanto, os enormes custos das ambiciosas empreitadas de Zheng He tiveram um enorme custo fiscal, e, para garantir que jamais fossem repetidas, todos os registros a elas relacionados foram destruídos. A ideologia oficial mundo, e os Ming que vieram depois não viam razão para encorajar outros contatos marítimos. Os chineses não consideravam as relações com outras potências

exteriores como possíveis em bases iguais: quando havia relações diplomáticas, os estrangeiros eram considerados (pelo menos pelos Ming) como tributáveis. A confiança e a estabilidade da burocracia Ming também criaram um senso de autossuficiência, dependendo pouco de influências externas (DI COSMO, 2009, p. 33).

Os barcos que navegavam pelos oceanos eram obrigados a reportar toda a carga que traziam, e o comércio marítimo privado foi várias vezes banido (até ser legalizado de novo em 1567 para qualquer comércio, exceto com o Japão). Em Pequim, o contato não autorizado de um lojista com estrangeiros poderia resultar no confisco de seu estoque. O isolamento diplomático foi reforçado pela incerteza militar: Annam ficou novamente independente em 1428, enquanto se gastavam enormes recursos para conter a ameaça das tribos mongóis na fronteira norte da numa batalha final conforme batia em retirada (LIPMAN, 1997, p. 39).

Nos anos 1470, a construção dos estágios finais da Grande Muralha - que havia começado a ser construída na dinastia Qin no século m a.C. - não era apenas uma aposta para prevenir compensar a diminuição da energia dos Ming. Como seus predecessores, eles foram incapazes de absorver as terras dos grupos nômades ao norte da fronteira ou de enviar expedições que tivessem qualquer efeito duradouro para desencorajar seus ataques. Portanto, uma fronteira fixa, com fortes guarnições de defesa, era a melhor compensação (BROOK, 2010, p. 53).

Durante o século XVI, uma sucessão de imperadores de curto reinado que eram dominados por suas consortes, mães ou por conselheiros eunucos (castrados), foi encerrada pelo longo reinado de Wanli (1573-1620), que simplesmente se retirou por completo da vida pública: nas últimas décadas de seu governo, ele se recusava até a se encontrar com seus ministros. A dinastia começou a declinar a máquina do governo tinha pouca força para responder à séria ameaça dos jurchen na Manchúria (atual nordeste da China). Em 1619, esse povo tribal, que mais tarde passou a se chamar "manchu". começou a invadir as fronteiras ao norte da China (LIPMAN, 1997, p. 44).

Economicamente, no entanto, a grande produtividade da China dos Ming foi um ímã para os estados marítimos europeus em busca de novas conexões comerciais no leste da Ásia, e, no começo do século XVI, os comerciantes europeus finalmente chegaram à costa da China. Em 1513, uma frota portuguesa apareceu em Cantão (hoje Guangzhou). Em, 1557, Portugal estabelece uma base permanente em Macau. Mercadores espanhóis e portugueses (os primeiros operando a partir de Nagasaki no Japão e de Manila, nas Filipinas) e a partir de 1601, os holandeses asseguraram uma parcela importante do comércio com a China (DI COSMO, 2009, 36).

Apesar de a política Ming desencorajar o comércio marítimo, mercadores individuais chineses participaram ativamente na recuperação da economia. Muito antes disso, já haviam florescido colônias chinesas em Manila e em Java, na Indonésia, perto da cidade comercial controlada pelos holandeses em Batávia, e os mercadores chineses controlavam uma grande parcela do comércio local no sudeste asiático. A sofisticação técnica da indústria da porcelana chinesa sob os Ming levou, pela primeira vez, à produção em massa de cerâmica para exportação a mercados europeus.

Os efeitos desse crescimento no comércio, no entanto, não foram de todo positivos, ao mesmo tempo que um enorme influxo de prata das Américas e do Japão, usada pelos europeus para pagar os bens chineses como seda, bens envernizados e porcelana, estimulou o crescimento econômico, também causou inflação (TWITCHETT, 1998, p. 31).

A China Ming havia herdado inovações científicas e tecnológicas da dinastia Song, que deixou o país na vanguarda de muitos campos científicos, incluindo a navegação e as aplicações militares para a pólvora uma substância descoberta durante a era Tang e cujo uso se espalhou para Europa a partir da China no século XII. Sob os Ming, no entanto, o ritmo do progresso diminuiu, e, na parte final da dinastia, as ideias começaram a fluir da Europa para a China. Os militares chineses começaram a usar artilharia de fabricação europeia, e o conhecimento da matemática e da astronomia europeia foi introduzido no país por missionários jesuítas, como Matteo Ricci, que morou em Pequim entre 1601 e 1610. Ele traduziu a Geometria, do matemático grego Euclides para o chinês, bem como um tratado sobre o astrolábio (um instrumento astronômico usado para medir a altitude do Sol e das estrelas). Em 1626, o jesuíta alemão Johann Adam Schall von Bell escreveu o primeiro tratado em chinês sobre o telescópio, levando o heliocentrismo (o modelo astronômico no qual o Sol estava no centro do Universo) para uma audiência chinesa.

Os últimos Ming começaram a sofrer muitos dos mesmos problemas que levaram à queda dos Yuan. A quebra nas safras reduziu a produtividade da vasta agricultura na China, e a fome e as inundações levaram a uma insatisfação geral nas áreas rurais. Os soldados militares começaram a atrasar, causando problemas disciplinares e deserções, ao passo que levantes camponeses localizados começaram a se juntar em revoltas mais gerais.

Enquanto isso, na fronteira nordeste, os manchus haviam construído um Estado ao longo das linhas chinesas em Mukden, na Manchúria chamando o seu regime de dinastia Qing em 1636, e estavam se preparando para se aproveitar do iminente colapso Ming. Foram ajudados, nesse intento, por uma revolta liderada por Li Zicheng, líder rebelde cujas forças entraram, sem resistência, em Pequim em 1644, fazendo com que o imperador se suicidasse. Em desespero, os militares Ming pediram ajuda aos manchus. Os tribalistas varreram a capital e expulsaram os rebeldes, só que logo depois tomaram o trono e proclamaram a dinastia Qing na China (DI COSMO, 2009, 40).

Apesar de os Ming terem se tornado vítimas de uma crise agrária que coincidiu com novas atividades nômades em suas fronteiras, essa era uma combinação que já havia derrubado outras dinastias antes. A burocracia que dera à China séculos de constância e reduzira a possibilidade, ou até a necessidade, de discordância interna foi lenta em se adaptar aos tempos de crises rápidas (TWITCHETT, 1998, p. 35).

Ainda assim a era Ming trouxe grande riqueza e sucesso para a China. A população cresceu de quase 60 milhões no começo de seu domínio para quase três vezes mais em 1600. A maior parte desse crescimento foi centrado em cidades mercantis de tamanho médio, em vez das grandes cidades, e um crescimento na produção agrícola levou à ascensão de uma rica classe de mercadores nas províncias. Muitos dos elementos do governo ordeiro inaugurado por Hongwu foram absorvidos

pela posterior dinastia Qing, dando à China um grau de unidade, estabilidade e prosperidade que os Estados europeus daquela época só podiam invejar e admirar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A China foi marcada por intensas transformações advindas pelas dinastias Yuan e Ming. Em primazia, a dinastia Yuan transformou a sociedade com tradições nômades em sociedade integrada. Mas na dinastia Ming, ocorreu a unificação, por meio de uma administração centralizada. Desta forma, o legado de ambas as dinastias refletiu as dinâmicas imperais que fomentaram bases para o estudo histórico-social atual.

REFERÊNCIAS

BROOK, T. **The Troubled Empire: China in the Yuan and Ming Dynasties**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

ROSSABI, M. **Khubilai Khan: His Life and Times**. Berkeley: University of California Press, 2009.

DI COSMO, N. **The Cambridge History of Inner Asia: The Chinggisid Age**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

LIPMAN, J. **Familiar Strangers: A History of Muslims in Northwest China**. Seattle: University of Washington Press, 1997.

TWITCHETT, D.; MORRIS, R.; FAIRBANK, J. K. **The Cambridge History of China: Volume 8, The Ming Dynasty**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.